

(DES) ENLACES NA CENA TEATRAL DO ESPETÁCULO “CASAMENTO TROCADO”: DISCUTINDO GÊNERO E SEXUALIDADES A PARTIR DO GRUPO (GAY) MUTART.

Erick Naldimar dos Santos

Universidade do Estado da Bahia/UNEB – enaldimar@hotmail.com

Resumo:

A presente proposta tem como objetivo refletir as implicações estéticas e político ideológicas de um dos eventos mais importantes do ciclo junino, o casamento matuto, realizado na cidade de Senhor do Bonfim, semiárido da Bahia. O Grupo de Teatro Mutart, nas décadas de 80 e 90, ressignificou essa tradição trazendo para os palcos Bonfinenses o “Casamento Trocado”, uma maneira de desconstruir sentidos petrificados no que diz respeito à supremacia das masculinidades e feminilidades. Sob o enfoque das discussões de gênero e sexualidades refletiremos os enfrentamentos vivenciados pelo Grupo de Teatro Mutart através de suas ações política e educativas, como uma forma de minimizar os preconceitos de gênero e situações de opressão.

Palavras-Chave: Grupo de Teatro Mutart. Casamento Trocado, Gênero, Sexualidades, Senhor do Bonfim-BA.

Introdução

Localizada a 375 Km da capital Salvador, a cidade de Senhor do Bonfim tem sua população de aproximadamente 81 mil habitantes. É um município brasileiro que faz parte do semiárido baiano do centro-norte da Bahia, que junto com outras 8 cidades compõe o Território de Identidade conhecido como Piemonte Norte do Itapicuru¹. Conhecer um pouco de sua localização geográfica e histórica será imprescindível para compreender suas manifestações artísticas e culturais, bem como, a formação de grupos de teatro que anteciparam discursos e debates que viriam a tomar fôlego nas décadas de 80 e 90.

O advento da estrada de ferro privilegiou a cidade de Senhor do Bonfim devido a sua localização geográfica, e então, ligaria o sertão à capital Salvador. O primeiro sibilo da locomotiva pôde ser ouvido em 31 de agosto de 1887 perfazendo o trecho Itiúba – Bonfim e mais tarde interligando as cidades do Piemonte e do sertão do vale do São Francisco.

Sabendo disso, não nos resta dúvidas da influência que a ferrovia exerceu na cidade de Senhor do Bonfim. Esses novos caminhos facilitaram o ingresso de novas pessoas/viajantes e projetou a crescente dinâmica comercial, quer fosse através de engenheiros ou operários, o fato é que eles movimentavam a economia local. A estação construída em 1944 era lugar onde intelectuais

¹ As cidades que compõem esse território são: Andorinha, Antônio Gonçalves, Caldeirão Grande, Campo Formoso, Filadélfia, Jaguarari Pindobaçu e Ponto Novo.

e boêmios poderiam conversar sobre arte e cultura. É nesse passeio histórico que buscamos compreender a existência e proliferação de artistas e grupos culturais, que até os dias contemporâneos formam e constroem, solidamente, a história social, artística e cultural de Senhor do Bonfim.

A historicidade da diversificada programação cultural da cidade de Senhor do Bonfim perpassava por “espetáculos teatrais, cinematógrafo itinerante, reisados, exposições de artes visuais e outros eventos artísticos”, essas expressões artísticas “fizeram do Palácio Municipal, na virada do século XIX para o século XX, uma espécie de *centro cultural* da cidade” (SILVA, 2015, p. 117). Em toda extensão do século XX outras casas de espetáculo tiveram variada programação teatral no município. Senhor do Bonfim possui essa inclinação para se tornar um celeiro de artistas quando, em pesquisas nos jornais locais, descobrimos um acervo de espetáculos teatrais, cinema itinerante, exibição de artes visuais e tantos outros eventos artísticos. É possível descobrir, também, alguns espaços para espetáculos, como: “*o Teatrinho do Edifício Municipal, o Cinema Confiança, o Cine-Bonfim, dentre outros como Cinema Royal*”:

O Royal era palco dos mais variados espetáculos: teatro – de grupos locais e visitantes – orquestras, números de ilusionismo, bailados infantis, bailes carnavalescos, festivais acadêmicos, festas cívicas etc. Funcionava como uma espécie de centro de diversões, pois além de uma seção de tiro ao alvo na parte interna, acontecia em frente ao seu edifício, retreta das filarmônicas *25 de Janeiro e União e Recreio*; quermesses; queimas de Judas; diversões infantis como: quebra-pote, pau de sebo, corrida de saco etc. (SILVA, 2014, P. 117).

Diante desse acervo artístico cultural, traçaremos um recorte sobre uma manifestação cultural que ainda se faz presente nos nossos dias. O casamento matuto, também conhecido como: Casamento Junino, Casamento do Jeca, Casamento Caipira, dentre outros, reflete uma tradição popular que segundo Chianca

[...] representa o enlace (quase) forçado de um matuto que engravidou a noiva e que tenta fugir, mesmo na presença das autoridades religiosas e da lei. O pai da noiva consegue capturá-lo nas suas tentativas desesperadas, e os convidados se deliciam escutando o diálogo entre ele, o pai da noiva, o padre, o delegado e a noiva, através de um texto malicioso que revela as tensões e conflitos em jogo nesse matrimônio[...] (CHIANCA, 2007, p. 51).

Baseado nesse enredo, o Grupo de Teatro Mutart atualizou a cena dramática do casamento matuto e inovou na construção dessa releitura criando o *Casamento Trocado*. Esse Grupo surgiu na década de 80 através de um protesto, pois, anterior a esse momento o que existia era vários

movimentos artísticos e diante de ideias e ideais controversos aconteceu um rompimento com um dos grupos, o BEJA (Balé, Expressão corporal, Jazz e Afro). Em uma entrevista² com os fundadores desse Grupo, é possível notar que o seu surgimento se deu de forma poética, telúrica, de descontentamento e insatisfação. Se por um lado existia a necessidade de romper com todos os fatores que os incomodavam, por outro podemos ler, em seu depoimento, a leveza, a serenidade e a paixão em fecundar um projeto que tivesse sua identidade, mostrasse o real sentido da arte e pudesse marcar a história bonfinense, através de suas vontades em fazer diferente e com a marca Mutart. Podemos ter uma noção no nascimento desse embrião quando lemos o que disse Ronier Leite Falcão (Roni):

[...] aí pronto, sentamos no asfalto, onde passavam os aviões, onde hoje é o Parque da Cidade, e aí sentamos e ficamos alí olhando pro céu e começamos a olhar a lua... porque temos essa mania né, essa loucura. Foi na hora que veio a ideia de Mutart. Aí eu disse , olha Tony vamos colocar o nome do grupo de Mutart, mutação da arte, na verdade, a arte em evolução. Aí quando nós chegamos, reunimos o pessoal, todo mundo, quem tiver a fim de acompanhar a gente, aí pronto, aí formamos o Grupo de Teatro Mutart. (RONI, 2016).

Comprovando desde o início o seu caráter polêmico, viriam construir novos experimentos e trazer novos discursos na cena bonfinense ratificando, assim, o início do que seus integrantes chamavam de “mutação da arte”, uma arte que buscava um encontro com cada integrante, num vínculo de interdependência do que eram e do que poderiam vir a ser:

[...] uma arte da existência que gravita em torno da questão de si mesmo, de sua própria dependência e independência, de sua forma universal e do vínculo que se pode e deve estabelecer com os outros, dos procedimentos pelos quais se exerce seu controle sobre si próprio e da maneira pela qual se pode estabelecer a plena soberania sobre si. (FOUCAULT, 1985, p. 234).

Sob essa perspectiva de manter o controle sobre si mesmos e estabelecer diálogos com a sociedade fez com que esse Grupo ganhasse respaldo diante do poder público. A prefeitura municipal de Senhor do Bonfim fez o convite ao Grupo Mutart para que apresentassem o espetáculo *Casamento Trocado* durante os festejos juninos, o sucesso da peça, o riso fácil e o envolvimento do público contribuiu para que esse Grupo permanecesse por muitos anos sendo contratados pela prefeitura. Em horário nobre, se apresentando no espaço Gonzagão (nome do espaço onde acontecia

² Os fragmentos da entrevista citados no texto, referem-se a entrevista concedida pelos fundadores do Grupo de Teatro Mutart, Ronier Leite Falcão e Albertony Albuquerque Honorato. Entrevista I [Out. 2016]. Entrevistador: Erick Naldimar dos Santos. Senhor do Bonfim, 2016. 1 arquivo mp3 (2:21:20).

as festas juninas), a peça *Casamento Trocado* foi um dos projetos que fez com que o Grupo de Teatro Mutart marcasse território e ganhasse aceitação dos bonfinenses e turistas de toda a região.

Daí então, muitos outros espaços foram sendo conquistados, a exemplo de um deles temos o Colégio Sacramentinas (Congregação das Religiosas do SS. Sacramento) dedicada a evangelização e a adoração de Jesus. Durante a entrevista foi relatado que, por se tratar de uma congregação de ordem religiosa, sempre foram atendidos nas suas solicitações no uso daquele espaço, quer fosse para oficinas ou apresentações de suas peças. O Bispado, Colégio Estadual de Senhor do Bonfim e Centro Educacional Cenecista Professora Isabel de Queiroz eram outros espaços que foram conquistados pelo Grupo para realizar suas apresentações teatrais. Os espaços cênicos utilizados, pretendiam construir práticas culturais, de lazer e entretenimento, além de criar e transmitir o fazer artístico de modo a disseminar as manifestações culturais, artísticas e sociais da coletividade.

Muitos de seus espetáculos ficaram em cartaz por muitos anos e era garantia de “casa cheia”, com isso, “intensificava-se a luta para fazer ecoar o desejo de se fazer arte e firmar uma característica dialógica e pedagógica de suas produções”, o que viria a se tornar “uma espécie de levar ao espectador o acesso à linguagem teatral e sua postura política frente as práticas sociais”. (SANTOS, 2016).

Metodologia

Como exemplo desse discurso transgressor, pretendemos discorrer e refletir sobre a peça de teatro *Casamento Trocado* que, era montada como uma forma de zombar de nossa cultura conservadora, além de tornar ininteligível os limites entre a ficção e a realidade, uma vez a maioria dos artistas do Grupo serem gays e travestis. A trama se desenvolve com a personagem do noivo sendo gay e da noiva sendo lésbica. Enquanto aquele tinha como trilha sonora a música de Ney Matogrosso “Homem com H”, esta adentrava ao palco com trajes masculinos e levando consigo um feixe de lenha para conotar virilidade. (SILVA, 2015, p.8).

“O casamento trocado foi uma polêmica”, essa era a concepção que tinha seus integrantes, a de uma peça de caráter subversivo e que causaria impacto na plateia. Para complementar a trama, as personagens reafirmavam a orientação sexual além da heterossexualidade, como bem afirma Roni, “o rapazinho da cidade quando foi visitar a noiva ele conheceu o pai da noiva e o pior que, o pai da noiva tinha envolvimento com ele” e complementa a fala: “é polêmico né?”. Além da consciência de que estavam indo além da normatização e normalização imposta pelo sistema, o Grupo Mutart

ultrapassou as fronteiras do preconceito, através de personagens que traziam uma carga simbólica muito intensa e repleta de desdobramentos.

Embora as personagens que atravessam o enredo principal reforcem alguns estereótipos, o Grupo Mutart buscava, através do humor, contestar as opressões sociais, criticando as instâncias do poder hegemônico da heteronormatividade. O discurso do binarismo (homem x mulher) já estava sendo rompido em detrimento às questões de gênero, associado como o sujeito se apresenta socialmente. Era esse deslocamento que evidenciava a não naturalidade dessas questões de gênero e sexualidade, mas sim, a construção social e cultural como discursos que viriam demarcar esse lugar, desconstruindo a ideia da heterossexualidade como única forma de orientação sexual.

Resultados e Discussões

É possível entender a fluidez das identidades através desse olhar que possuía o Grupo Mutart, compreender que as transformações identitárias podem ser criadas e recriadas paulatinamente. Conforme Miskolci (2012, p. 15 e 16) afirma que, estamos todos implicados/as na criação do Outro, “e quanto mais nos relacionamos com ele, o reconhecemos como parte de nós mesmos”, não apenas tolerar, mas “dialogamos com ele sabendo que essa relação nos transformará” e nos fará compreender as nossas diferenças.

Quando nos referimos à sexualidade, às diferenças e ao que se refere às questões de gênero, é imprescindível distinguir algumas afirmações que há muito foram tidas como verdades universais. Em pleno século XXI, e diante das profundas transformações sociais e culturais, não cabe mais preconceber que tais definições ainda ocupem espaços e fomentem discussões que sempre terminam em tons vilipendiosos. Os tempos são outros e as concepções de gênero nos encaminham para reflexões sobre cultura, sociedade, biologia e a própria natureza.

O campo biológico direciona suas definições para o corpo masculino e feminino reservando suas proporções nas diferenças anatômicas e fisiológicas. Por outro lado, é a cultura a responsável por adentrar no campo dos valores, crenças e opiniões, as quais são construídas pelo indivíduo. Nesse interim, infere-se que sexo seja a extensão biológica dos seres humanos e gênero uma predileção cultural, facultativa e que possui um caráter social e histórico.

A sexualidade, bem como, os conceitos referentes à gênero e raça são construções meramente sociais e culturais. As maneiras diversificadas de vivenciar as formas de gênero e sexualidade corroboram para compreender que existe uma transcendência aos fenômenos do corpo e à conceitos que se restringem à genitália.

É sob o prisma daquilo em que podemos nos tornar e como temos sido representados, que compreenderemos de que maneira acontece a influência sobre essa representação e de como podemos constituir a nós mesmos. Isso se explica pelo fato de não haver na natureza papéis sociais biologicamente inscritos, por isso, a concepção que se naturalizou pelo binômio homem/mulher há muito vem sendo repensada. Existem, no entanto, culturas em que o aparelho genital não define o sexo, ser masculino ou feminino, por exemplo aqui no Brasil, é diferente quando se refere a outros países. Portanto, o conceito mais adequado para aprofundarmos nesses discursos é o de gênero, conceito esse que pôde ser (des) construído pelo Grupo de Teatro Mutart quando trouxe em sua peça *Casamento Trocado* a inversão de papéis.

A década de 70 e 80 foi marcada por esses debates e lutas libertárias no que concerne aos estudos de gênero. Vários movimentos eclodiram em diferentes partes do mundo, mas que objetivavam algo em comum: condições de uma vida melhor permeada por justiça e igualdade. Por este motivo, as discussões no campo da filosofia política ganharam dimensões na última década do século passado e início deste.

Compreender esse processo de injustiça social e simbólica não nos parece uma tarefa fácil. É preciso revalorizar, ressignificar estas identidades desrespeitadas e pertencentes a grupos sociais minoritários para que se consiga uma equidade de participação. Assim, seria possível reconhecer e valorizar positivamente as diversidades culturais, promovendo uma transformação nos padrões sociais de interpretação e representação.

Sendo assim, Colling (2013) nos convida a refletir que, “as políticas das diferenças³ não anulam ou negam as nossas igualdades, nem nos tornam mais divididos”. Entende-se que, na contramão desse pensamento “elas podem nos dar pistas de como podemos nos enxergar nas demais diferenças”, nos unindo “em prol do respeito às nossas diferenças, que não cessam de ser criadas, modificadas”. Diante do trânsito dessas recriações cotidianas não devemos nos permitir fixar nossos olhares em identidades inamovíveis e que nos conduz apenas a enxergar o binarismo e as dicotomias.

Pessoas e grupos precisam de políticas específicas quando percebem que a sua caminhada é pautada por realidades e identidades diferentes. A única coisa que temos em comum são nossas diferenças, que nos cercam, nos intensificam, nos faz únicos. Faz-se necessário refletir além do

³ Sobre este termo “políticas da diferença”, um assunto pouco discutido e explorado no Brasil, ler artigo de Leandro Colling (2013): “**A igualdade não faz o meu gênero – Em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil**” ou ler BENTO, Berenice. **Política da diferença: feminismos e transexualidade**. In: COLLING, Leandro (Org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador, Edufba, 2011, pp. 79-110.

binarismo (masculino e feminino), das orientações heterossexual e homossexual e das normatizações e naturalizações. Como bem afirma Colling “os pensamentos binários, muito utilizados, tentam a todo custo trabalhar apenas com duas categorias, como se elas fossem, inclusive, absolutamente puras” e continua “precisamos problematizar as heterossexualidades” ao invés de “apenas tratar e afirmar as identidades do homo, lesbo, bi, trans e intersexualidades”. (COLLING, 2013, p. 410 - 411).

Desta maneira, percebe-se que o objetivo do Grupo não era discutir as sexualidades (práticas afetivas e desejos sexuais) que se faziam presentes na cena, mas o discurso de identidade de gênero (como eu me identifico e me aceito). O Grupo de Teatro Mutart pincelava os debates de gênero como uma construção simbólica daquilo que se é ou do que se pretende ser, do que é natural ou socialmente construído:

Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2000, p. 5).

BUTLER (2003, p. 27) afirma que o “corpo” é um meio passivo sob o qual se inscreve significados culturais ou então como “instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma”. Em quaisquer que sejam as situações, o corpo é a representação desse “instrumento ou meio social com o qual um conjunto de significados culturais é externamente relacionados”. São corpos que não se conformam e nem aceitam as normas, pois acreditam que as identidades aprisionam os indivíduos no campo discursivo.

Conclusão

O lugar onde se faz teatro se encontra contrastado com ruas, vielas, praças, pátios, transmutando todo o cenário da cidade como ambiente onde possa ocorrer espetáculos. Essa reestruturação dos espaços urbanos propicia o surgimento de novos bairros e uma nova arquitetura das cidades. É no lugar teatral onde podemos descobrir nossos sonhos, desejos e imagens, e assim, pela magia da arte, esses espaços podem permitir que o transformemos em realidade.

As marcas de um corpo classificam e hierarquizam os sujeitos, regidas de maneira silenciosa pelas regras de heteronormatividade. As roupas que eles vestem não escondem seu coração, acontece que, os olhos moldados por uma sociedade hipócrita, é que cerram para não enxergar o que há por detrás desses perfis sociais. Esses sujeitos não buscam ser “integrados”, “aceitos” ou “enquadrados”; o que anseiam é romper com uma lógica que, a favor ou contra, continua se dirigindo à identidade central. Conforme LOURO (2007, p. 8) explica, “assumem-se como estranhos, esquisitos, excêntricos e assim querem viver – pelo menos por algum tempo, ou melhor, pelo tempo que bem lhes aprouver”.

E no alargamento desse tempo é que suas vozes precisam ser ouvidas, suas atitudes precisam ser respeitadas e compreendidas. A motivação para continuar sendo quem é, deverá ser a mola que impulsiona esses sujeitos para participar de maneira incansável desses campos de luta. Encontrar nas inúmeras possibilidades de enfrentamentos uma maneira de ser reconhecidos é utilizar dos palcos para fazer sua voz ecoar por espaços nunca antes visitados.

É improrrogável propostas e ações educativas que ampliem as reflexões contemporâneas sobre esses assuntos. THÜRLER (2011, p. 14) ratifica que “num mundo disforme com identidades frouxas, vivem melhor aqueles que “se consideram em casa, em muitos lugares, mas em nenhum deles em particular[...]”. É sobre essas “identidades frouxas” que o Grupo de Teatro Mutart trouxe para a cena bonfinense, um viver melhor em casa e em lugares transitórios. Um dos fundadores do Grupo, Roniere Falcão, já nos alertava: “*Casamento Trocado* era o casamento de um homossexual com uma sapatona... e assim os pais não viam que eles eram isso e queriam fazer o casamento[...]”.

Há alguma semelhança com nossa realidade? Parece que estamos na primeira fila do teatro assistindo o eterno *Casamento Trocado* contemporâneo.

Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, jan./jun. 2007, p. 45-59.

COLLING, Leandro. **A igualdade não faz o meu gênero – Em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil**. *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 3, n. 2, jul.-dez. 2013, pp. 405-427.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o cuidado de si**. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

LOURO, G.L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.

SILVA, Reginaldo Carvalho da. **Circo-teatro no semiárido baiano** (1911-1942). Repertório: teatro & dança, Salvador, n. 15, ano 13, p. 40-51, 2010a.

_____. **Um rio de lágrimas banha o sertão baiano: o melodrama na cidade de Senhor do Bonfim-BA (1913-1953)**. Repertório: teatro & dança, Salvador, nº 23, p.116-131, 2014b.

_____. **O casamento matuto – contribuição interpretativa sobre um espetáculo do teatro nordestino**. Revista Trapiche, V. 2, N.1.

SANTOS, Erick Naldimar. **História do Grupo de Teatro Mutart**. Senhor do Bonfim, 20 de Out. 2016. 1 arquivo mp3 (2:21:20). Entrevistador: Erick Naldimar dos Santos.

THÜRLER, Djalma. **Dzi Croquettes: a instabilidade como imperativo, o hibridismo como riqueza**. IX Reunião de Antropologia do Mercosul, 2011, Curitiba. In <http://www.ram2011.org> (Acessado em 02 de maio de 2017).